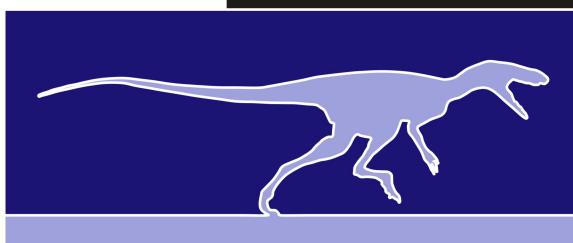
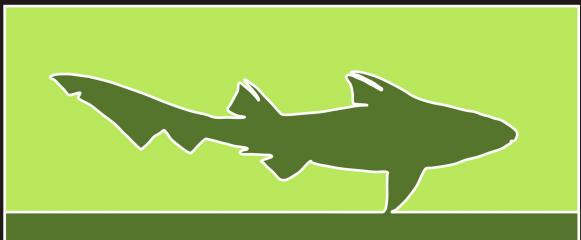




# Paleontologia em Destaque

Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia

Edição Especial - Maio/2008



VI Simpósio Brasileiro de  
Paleontologia de Vertebrados

## Boletim de Resumos

EDITORES

Max C. Langer  
Jonathas S. Bittencourt  
Mariela C. Castro



grandes felinos atuais. O fêmur está bem preservado e sua diáfise, estreita na região média, expande-se em direção às extremidades. Em relação aos diferentes comprimentos de colo do astrágalo identificados para espécimes norte americanos, o presente é considerado de colo curto. Diferentemente de outros materiais norte e sul americanos previamente descritos, apresenta tanto o forame astragalar quanto outro na superfície proximal do osso, além de diversos pequenos forames espalhados pela face plantar e ao redor do forame astragalar. Dado que os elementos esqueletais descritos apresentam tamanho equivalente, preservação similar e foram encontrados próximos uns aos outros, com ausência de elementos duplicados, assume-se que pertençam a um único indivíduo. Quanto ao modo de acumulação, infere-se que o material tenha adentrado o abismo parcial ou completamente articulado, por queda acidental do animal ainda vivo ou pelo arraste da carcaça pela água pluvial. Neste contexto, considerando a natureza do depósito e o relevo ao redor do Abismo Iguatemi, a ocorrência de fragmentação e abrasão nos fósseis seria relacionada ao retrabalhamento dentro da caverna. Medidas comparativas revelaram que as dimensões do material estudado são, em média, maiores que aquelas de formas norte americanas e aproximam-se daquelas de outros espécimes sul americanos, tratando-se provavelmente de um indivíduo adulto. Ademais, estão em concordância com observações prévias de que os espécimes sul americanos de *Smilodon* são maiores e de constituição mais robusta [FAPESP, Proc. nº 04/10573-9].

## Estudo preliminar dos espinhos de Ctenacanthiformes brasileiros

**Artur Chahud<sup>1</sup>**

*arturchahud@yahoo.com*

**Setembrino Petri<sup>2</sup>**

*spetri@usp.br*

<sup>1</sup> Bolsista FAPESP, Pós-Graduação em Geoquímica e Geotectônica, IGc-USP. São Paulo-SP

<sup>2</sup> Departamento de Geologia Sedimentar e Ambiental, IGc-USP. São Paulo-SP

Os Ctenacanthiformes são tubarões primitivos encontrados em rochas do Devoniano ao Eotriássico. A anatomia destes peixes é pobramente conhecida, excluindo alguns exemplares articulados. O estudo desse grupo de Chondrichthyes pode ser feita a partir de escamas, dentes e principalmente por espinhos, muito abundantes no registro geológico. Os espinhos são lateralmente comprimidos e afilam-se gradualmente para a extremidade apical, com leve arqueamento para trás. A face anterior é estreita e arredondada enquanto a posterior varia de côncava a reta. As

margens, anterior e posterior, podem apresentar uma fileira de dentículos ou farpas diminutas e a superfície lateral é caracterizada por fortes costelas lisas ou ornamentada por escamas ou tubérculos transversais. Estrias finas e irregulares ocorrem na região de inserção. O presente trabalho apresenta um estudo preliminar dos espinhos e as localidades mais importantes de Ctenacanthiformes no território brasileiro. Nas pesquisas pioneiras sobre o grupo, os tubarões Ctenacanthiformes eram considerados marinhos, no entanto, uma análise mais detalhada desta questão revelou que em vários casos estes tubarões devem ter habitado água doce ou de baixa salinidade. O primeiro a ser descrito no Brasil foi *Ctenacanthus maranhensis* Silva Santos 1946 baseado em fragmentos provenientes da Formação Pedra do Fogo da Bacia do Parnaíba no Estado do Maranhão. O paleoambiente desta espécie é discutível, pois é associada a diversos animais continentais e marinhos. Na Bacia do Paraná o mais antigo espécime do país, *Ctenacanthus gondwanus* Silva Santos 1947, é representado por um molde de espinho encontrado em depósitos carboníferos do Grupo Tubarão no Estado de Santa Catarina. A espécie mais recente, a terceira descrita, foi encontrada na Fácies Caveira da Formação Estrada Nova do Estado do Rio Grande do Sul e representa a parte basal de um espinho com costelas lisas de Ctenacanthiformes (possível *Amelacanthus*). A última forma identificada provém da base do Membro Taquaral, Formação Iratí, do Estado de São Paulo. O espécime está muito bem preservado e corresponde a um espinho completo de um Sphenacanthidae, com poucas quebras próximas da região de articulação.

## Recentes progressos dos conhecimentos dos paleovertebrados da base da Formação Iratí no centro-leste do Estado de São Paulo

**Artur Chahud<sup>1</sup>**  
*arturchahud@yahoo.com*

**Setembrino Petri<sup>2</sup>**  
*spetri@usp.br*

<sup>1</sup> Bolsista FAPESP, Pós-Graduação em Geoquímica e Geotectônica, IGc-USP. São Paulo-SP

<sup>2</sup> Departamento de Geologia Sedimentar e Ambiental, IGc-USP. São Paulo-SP

A camada de rochas arenosas da base do Membro Taquaral, Formação Iratí (Permiano), no centro – leste do Estado de São Paulo é conhecida desde o início do século XX. Essa camada basal é um arenito de granulação média a grossa mal selecionada. O conteúdo paleontológico dessa fácies sempre foi citado em trabalhos